



METROPOLE

SSA-BA

O lobby do hotel

Com desapropriação de terreno, projeto para conceder Palácio Rio Branco à rede hoteleira caminha a passos largos. Prédio do antigo governo da Bahia vai servir a empreendimento de alto padrão por 35 anos. **Págs 4 e 5**

28 OUT 2021



O adeus ao maestro

Criativo, instintivo, estudioso e genial, o músico Letieres Leite, 61 anos, morreu em Salvador. **Págs 12 e 13**





Meu Coco, de Caetano, é a vida dedicada ao Brasil

James Martins

Todo mundo já sabe, Caetano Veloso lançou (está lançando), seu 49º álbum, *Meu Coco*. O título é o mesmo da canção de abertura, a primeira que ele compôs para a série de 12 inéditas que formam o trabalho. Como é o nome de uma fruta e de um ritmo bem conhecidos, o cantor decidiu esclarecer (inclusive na capa) que o coco em questão é sua cabeça. *Meu Coco*, então, é “tudo o que se passa em minha cabeça no momento”, disse.

Pháneron (do verbo grego *phaino* = manifestar, exibir) é o nome de um lance pouco conhecido de Décio Pignatari, de forte teor autobiográfico, montagem de texto anti-discursivo + fotografias. Assim o poeta explicou o neologismo: “É tudo o que pinta na cabeça em qualquer momento”. E cito-o aqui apenas para dizer que, “por entre fotos e nomes”, o que pinta na água do *Coco* de Caetano também tem um gosto fortemente biográfico.



divulgacao

Claro que o que primeiro salta aos ouvidos é a lista enorme de nomes. Caetano Veloso cita colegas que vão de Schoenberg (... passando por Leo Santana, Billie Eilish, Gabriel do Borel, John Cage, Pixinguinha...) a Marília Mendonça. Isto é, referências para fora. Em geral pra ressaltar a força regenerativa da música (especialmente popular, mas também da impopular) para a inevitável grandeza do Brasil.

Mas há também muitas citações para dentro. Ou seja, de canções do próprio Caetano, e de diversas fases de sua carreira, formando um desenho e um compêndio. Não preciso fazer o índice remissivo completo, mas rolam faíscas de *Um Índio*, *Feitiço*, *Irene*, *O Quereres*, *Os Mais Doces Bárbaros...* e outros hiperlinks talvez semi-conscientes, como a *Língua em Pardo* (teu rosa é mais rosa que o rosa...) e *Este Amor em GilGal*. E por aí vai. A citação de *Alegria*, *Alegria* no primeiro single, *Anjos Tronchos*, no entanto, é a que diz tudo.

“Eu vou, por que não?”, afirmava-se interrogativamente o artista ante os desafios da era eletrônica, no final dos anos 1960. E com a mesma coragem e desconfiada alegria o faz outra vez, agora em contexto digital. Cantar na televisão ou no Tik Tok? Enfim, o que *Meu Coco* traz é, novo e novamente, Caetano. Do legítimo, do puro, do escocês (chinês?). E o que resulta desse registro que estou chamando de biográfico, somados a apreensão frente os “controles totais” e o deleite de uma transa virtual, é (sem spoilers) o que ele conclui, descobre, em *Cobre*: “Vale viver”!

Começando do adjetivo. *Troncho* é, cla-

ro, um sinônimo de torto, do anjo de Drummond. Mas, no jargão dos músicos, *troncho* também significa complexo. É com simples complexidade que as coisas são abordadas, desde os ritmos (que levada a da faixa-título!) até as ideias. “Católicos de axé e neopentecostais”. Palhaços líderes e poemas como *jamais*. Aliás, uma curiosidade: a aproximação entre o Drummond de sete faces e Augusto de Campos repete de certa forma a feita em *Let's Play That*, por Macalé e Torquato. *Hiperlinks*. *Algoritmo*. Pelo que se vê, tudo em *Meu Coco*, no coco dele, *trans(luz)borda* da vida das canções.

A chave do segredo é que, além de querer guardar o mundo em si, o seu coração vagabundo também sempre quis guardar-se no mundo.

Por isso, ao nomear os outros, Caetano apresenta-se. Ao citar-se, evoca-os. “Ele me ensinou o sentido do som / E eu quis ensinar o sem som do sentido”, diz de Gil em *GilGal*. *Gilgal*: o chão da Aliança, fonte dos profetas. Um dia Rogério Duarte afirmou: “Gil é o profeta. Caetano é apenas seu apóstolo”. E Gil, num baião a João Gilberto: “Aparece a cada cem anos um / E a cada vinte e cinco um aprendiz (...) É assim que aparece mestre João / E aprendizes professando-lhe a fé / Um Francisco, um Caetano, algum Roberto / E a canção foi mais feliz”. No centro do centro do coco, João.

E no centro do centro do centro, o Brasil. No fundo, *Meu Coco* é de novo a velha vontade de inaugurar o Brasil, função de uma vida.

* *Leia versão completa no site Metro1*

Publisher **Editora KSZ**
 Diretor Executivo **Chico Kertész**
 Editor-chefe **André Uzêda**
 Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
 Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
 Redação **Adele Robichez, Alexandre Santos, Luciana Freire, Maria Clara Andrade e Rodrigo Meneses**
 Revisão **André Uzêda e Redação**

Comercial (71) 3505-5022
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226Pernambúes CEP 41100-010
 Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



SALVADOR SOLAR.

GERANDO MAIS DO QUE ENERGIA.

Criado pela Prefeitura de Salvador, através da Secretaria Municipal de Sustentabilidade e Resiliência, o programa Salvador Solar reúne ações inovadoras que fazem da cidade pioneira na geração de energia limpa e sustentável. Com o Salvador Solar, Salvador gera muito mais do que energia. São 5 ações que estão gerando mais empregos, mais investimentos e muito mais benefícios para a cidade.



IPTU AMARELO

Descontos no IPTU para incentivar casas e empreendimentos a implantar energia solar.



CURSOS DE CAPACITAÇÃO

Formam profissionais para trabalhar no setor.



MAPA SOLAR

Mapeia os telhados da cidade, permitindo ao cidadão conferir o potencial energético do seu imóvel e planejar a implantação do sistema.



PREFEITURA RENOVÁVEL

Instala painéis em prédios públicos, como escolas e secretarias.



NOVA LEI DE INCENTIVO

Atrai empresas do setor com incentivos fiscais.

www.sustentabilidade.salvador.ba.gov.br

[@secissalvador](https://www.instagram.com/secissalvador)



**SALVADOR
SOLAR**
Gerando mais do que energia.



SALVADOR
PREFEITURA

PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL

Palácio cinco estrelas

Construído em 1549, Rio Branco vai ser transformado em hotel em concessão a ser lançada em dezembro; projeto é debatido por diversas entidades do setor turístico

Fotos **Manuela Cavadas**

Texto **Luciana Freire**

luciana.santana@metro1.com.br

A concreta possibilidade de transformar o Palácio Rio Branco, na Praça Tomé de Souza, em um hotel de alto padrão em Salvador ganhou força na última semana, a partir de um decreto publicado no Diário Oficial do Estado.

No documento, consta a desapropriação de um terreno próximo ao pré-

dio, antiga sede do governo da Bahia, com a justificativa de que a área “destina-se ao desenvolvimento de projeto de urbanização voltado à reabilitação do Centro Antigo”.

Segundo fontes ouvidas pelo Jornal da Metropole, a desapropriação do terreno foi feita para tornar a concessão mais atrativa, uma vez que o Palácio comporta apenas 35 apartamentos.

A expectativa é que, em dezembro deste ano, saia um edital convocando

empresas interessadas a mandarem propostas para administrar o Rio Branco. A vencedora vai gerir o espaço por 35 anos e, como obrigação, deve preservar a fachada, tombada, desde 1959, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Atualmente o espaço abriga o Museu dos Governadores, que conserva a memória de todos os gestores que administraram o estado desde 1549, com a chegada de Tomé de Souza.



No edital, caberia à empresa admissitrar o acervo, mas ainda não há detalhes de como isso será feito — incluindo se haverá espaço aberto para visitas públicas.

PROJETO ANTIGO

A ideia da concessão do Rio Branco existe desde fevereiro de 2019. À época, com as críticas ao projeto e o começo da pandemia, as negociações não avançaram.

Em dezembro daquele ano, o governador Rui Costa (PT) se manifestou em favor da concessão e disse que, como condicionante, o espaço de visitação do museu deveria ser mantido, embora tenha feito críticas à falta de interesse no acervo.

“Não é visitado por ninguém, não tem acesso à população. Para o povo está fechado há décadas e custa muito caro”.

A justificativa financeira foi repetida na última semana pelo governador em exercício Adolfo Menezes (PSD), que responde pelo estado enquanto Rui Costa cumpre agenda internacional. Foi Menezes quem assinou o decreto de desapropriação do terreno que consta no Diário Oficial.

“A desapropriação do Palácio Rio Branco está acontecendo porque o estado não tem condições financeiras de manter todos esses prédios históricos”, disse

Procurado pelo Jornal da Metropole para explicar do porquê, dentre tantas propriedades, o governo decidiu conceder justamente o Palácio do Rio Branco, um dos prédios mais importantes do país (antiga residência e despacho de grandes poderes), Menezes classificou como “uma negociação comum”, e que “em todo o mundo espaços como esse são aproveitados quando concedidos ao setor privado, gerando renda”.

REAÇÃO

Desde que as conversas de concessão do Palácio Rio Branco começaram, entidades têm levantado voz contra o projeto. O Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) e a Associação Nacional de História – Seção Bahia são terminantemente contra. Desde 2015, o IAB aciona órgãos que protegem o patrimônio histórico e cultural, a exemplo do IPAC e da Fundação Gregório de Mattos, para evitar que a negociação avance.

“Como pode uma negociação dessas

ser feita sem nenhuma consulta à sociedade? Sem que os termos fiquem claros? A conversa é antiga e até agora não sabemos o que será exigido para preservação, além da fachada. O que não é suficiente, pois deve ser um espaço utilizado também para a cidadania”, argumenta Luiz Antônio de Souza, presidente do instituto.

O IAB já fez denúncia junto aos Ministérios Públicos do Estado (MPE) e Federal (MPF) pedindo a notificação ao governo do estado da Bahia, no sentido de sustar a operação de concessão. Procurado, o MPE diz que analisa o caso e “tomará providências cabíveis”. O MPF não se manifestou sobre a ação.

Ex-secretário de turismo da Bahia e estudioso do tema, Fausto Franco entende, no entanto, que este modelo de contrato é vantajoso para as contas públicas, além de ajudar na conservação de equipamentos históricos. “Se o edital especificar os cuidados e tudo for feito com muito critério é uma parceria que funciona muito bem. Em muitas partes do mundo esse é o modelo adotado. O que é melhor? Deixar acabar por si só ou entregar para alguém que vai cuidar e preservar a nossa história? É importante ter projetos factíveis para esses patrimônios”.

PALÁCIO SOBREVIVENTE

O Palácio do Rio Branco foi construído sob ordem do governador-geral Tomé de Sousa, enviado de Portugal com missão de fundar a Cidade do Salvador.

O prédio foi residência e despacho oficial dos primeiros-governadores do Brasil e hospedou figuras ilustres do Reino português, quando Salvador era capital da colônia. Naquela época, a construção do prédio era feita de taipa.

Foi também residência provisória do imperador D. Pedro II, em visita à Bahia. Em 1912, no começo da República, o prédio foi bombardeado com tiros de canhão disparados do Forte São Marcelo, em uma disputa política envolvendo oligarquias locais e o presidente Hermes da Fonseca.

Viria a ser reconstruído sete anos depois, passando a ser chamado oficialmente como Palácio Rio Branco. Quase 110 anos depois, difícil garantir que sobreviva a um novo bombardeiro, desta vez, especulativo.



Vamos invadir sua praia

Mais de uma década após demolição das barracas, banhistas reclamam de comerciantes que ocupam faixa de areia e cobram pelo uso do espaço público

Texto **Rodrigo Meneses**
rodrigo.meneses@metro1.com.br

A praia costuma ser caracterizada como o lazer mais democrático em cidades litorâneas. Por isso, a cobrança para sentar em cadeiras ainda não soa de forma natural para muitos banhistas. Foi o que aconteceu com o analista de logística Arnaldo Silveira Júnior, 42 anos, que se surpreendeu ao sentar em uma mesa na praia de Patamares. Abordado pelo garçom, ele foi informado que era necessário pagar R\$ 30 por pessoa.

O valor daria direito a acessar também a área interna com banheiros e chuveiro no Salvador Beach Club, situado fora da faixa de área.

Como ficaria pouco tempo na praia e estava acompanhado de mais quatro pessoas, ele recusou a oferta e se levantou da mesa. Ele, porém, foi novamente surpreendido ao estender uma canga na faixa de areia em frente às mesas para colocar as bolsas enquanto decidia para onde ir.

“O garçom já veio com um segurança e disse que não poderia colocar a canga ali porque se tratava de uma área da barraca, que obteve uma concessão da prefeitura para ocupar a faixa de areia em frente ao estabelecimento”, conta.

O dono do Salvador Beach Club, Angelo David, acredita que houve um mal-entendido porque não há proibição para as pes-

soas ocuparem a faixa de areia. “Impeço de sentar em nossas cadeiras porque existe um custo com limpeza, água, segurança, garçom, mas não há proibição de ficar na faixa de areia. Com certeza houve um mal-entendido”, pontua.

Arnaldo diz que se retirou do local e sentou com a família em uma barraca ao lado pagando R\$ 15 pelo kit com quatro cadeiras e o sombrero. O consultor de vendas César Rodrigo, 37, não acha justo pagar R\$ 15 para ter direito ao kit. “Outro dia fui na praia de Patamares e perguntei quanto era a mesa para quatro pessoas e ele disse que era R\$ 15. Quando eu cheguei com o cooler ele queria cobrar R\$ 35. Achei um absurdo”, lembra.

FIM DE UMA ERA

Após a demolição das barracas de praia em Salvador, em decorrência de uma decisão judicial em 2010, o comportamento dos banhistas e comerciantes ainda está em adaptação. As únicas e poucas barracas em funcionamento são aqueles estabelecimentos instalados fora da faixa de areia e que acabam colocando também as mesas na praia. O restante dos barraqueiros se adaptaram alugando cadeiras e sombreros e são proibidos de vender comida.

A representante dos barraqueiros da praia de Jaguaribe, Paula Rocha, justifica a cobrança aos clientes devido aos custos



advindos pelo novo modelo. “A gente paga R\$ 300 mensal da licença para a prefeitura, R\$ 200 semanal para segurança tomar conta do material. Ainda tem a diária do garçom (R\$ 80). É um custo alto”, explica.

Ela aponta como dificuldades para a manutenção da atividade a proibição de vender comida e a limitação de trabalhar com 20 mesas. “Quem não tem o contêiner para guardar o material é mais complicado ainda porque precisa pagar um carro de R\$ 100 para levar o material e ainda pagar o aluguel de um depósito. A gente tem que ter sangue no olho para trabalhar. Eu continuo trabalhando porque dependo unicamente disso”, afirma.

Apesar de todas as dificuldades, Paula lembra que ainda é possível negociar com os clientes, caso vá consumir as bebidas da barraca. “A gente chega 5h30 da manhã e tem cliente que ainda chama a gente de ladrão quando falamos o preço. Mas na conversa sempre tem como negociar”, destaca.

O técnico em segurança do trabalho Renato Carneiro, 35, acha justo o preço cobrado. “Você pode levar sua bebida, sua comida e eles (barraqueiros) só ganham o valor da cadeira e sombrero. Geralmente, cada cadeira é 5 e o sombrero 10. Em Itapuã ainda tem umas barracas no estilo das antigas, que só cobram pelo consumo”, afirma.

divulgacao/foto do leitor



Cooler virou tendência

A situação não está fácil para ninguém e é cada vez mais comum chegar nas praias e encontrar as pessoas com suas bebidas em caixas térmicas, termo que foi rebatizado de cooler (nome em inglês).

O comportamento se espalhou até entre a classe média. “No início do ano passado, comprei sombrero, cadeira e o cooler. Agora não pago nada na praia. Foi o melhor investimento que fiz”, destaca o servidor público, Adriano Ferreira, 36.

RESPOSTA

Sobre a reclamação do analista de logística Arnaldo Silveira Júnior de que o Salvador Beach Club estaria cercando parte da praia exclusivamente para os clientes do estabelecimento, a Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Salvador disse que iria verificar a situação para adotar as medidas necessárias. “É importante ressaltar que não há, na legislação municipal, qualquer indicativo que restrinja a faixa de areia apenas para exploração comercial”, diz trecho da nota da Prefeitura.

Em resposta ao Jornal da Metropole sobre a cobrança e atuação dos barraqueiros, a Secretaria Municipal de Ordem Pública (Semop) informou que só fiscaliza se a quantidade de cadeiras e sombreros utilizados na faixa de areia está de acordo com a licença. O órgão ainda informou que não existe nenhum tipo de cobrança ao consumidor.

divulgacao/foto do leitor



CIDADE



METROPOLE

Responsável Técnico:
Dra. Silvana Rocha
CROBA - 14011

CURSOS DE REFERÊNCIA
para você!

INSCRIÇÕES ABERTAS

srcursos.com.br
71 9 9684 - 9438



SR
CURSOS

Curso
VIP



Órfã do feminicídio

Em 2017, Priscila Gama foi até a casa da mãe e a encontrou morta com quatro facadas nas costas; ex-companheiro, acusado do crime, ainda não foi julgado

Em 10 de novembro de 2017, eu percebi o sumiço dela logo de manhã. Ligava e não conseguia falar com minha mãe. Até que eu comecei a achar estranho o que estava acontecendo. Fui tentando entrar em contato com várias pessoas, mas ninguém tinha retorno dela. Até que a mãe do ex-companheiro da minha mãe ligou para o meu celular, dizendo que eles tinham brigado e pedindo para eu ir até o apartamento dela. Eu não tinha como sair do trabalho e ir naquele momento.

Quando eu finalmente consegui ir, vi o carro dela na garagem. Fiquei chamando na porta e ninguém aparecia.

Pela janela, eu vi que a sala estava revirada. Eu consegui abri-la e vi que ela estava deitada na cama, mas não tinha passado na minha cabeça que poderia estar morta. Decidi arrombar o apartamento. Já tinha até falado com a polícia, mas ninguém chegava. Quando a gente entrou no quarto, constatamos que ela estava morta. Ela morreu pedindo socorro, ligando para a polícia, no 190.

Como já tinha um histórico de agressão e também houve a ligação da mãe dele para mim, imaginei logo que foi ele. Foram três facadas nas costas dela. E ele até hoje ele não foi sequer julgado. Tá solto! Ficou apenas 30 dias preso e teve a prisão preventiva negada. O juiz entendeu que ele tinha residência fixa e não apresentava risco para a sociedade...

ARREPENDIMENTO

Mesmo antes dela morrer, eu não falava com ele. Eu sempre pedia para que ela se separasse dele, porque uma vez ele chegou a ser preso em flagrante, em 2014, batendo nela na rua.

O meu arrependimento é de não ter enfrentado mais. Enfrentado até ela mesmo. Eu mesma poderia ter denunciado, chamado a polícia... Eu cheguei a fazer uma vez, mas ele não estava mais no apartamento quando eu cheguei lá...

Na época, a gente nem usava muito o termo feminicídio. O que eu mais falava para ela era quando passava um caso na televisão. Falava, falava, falava e nada de largar. A sensação que eu tenho hoje é que ela tinha medo do que ele poderia fazer tanto a ele quanto à própria família. Eu cheguei a ver mensagens dela falando para ele não ameaçá-la. Até quando ela ia na minha casa, ela não podia demorar, porque ele ficava ligando.

O QUE VEM DEPOIS

É a certeza de que a gente não tem justiça. Tudo isso que a gente vê na televisão, no dia a dia, é realmente o retrato da injustiça. Esse crime com famílias, nunca tem a punição que deve ter. Eu não tive nem a cer-

teza de que ele iria continuar preso. Eu vejo fotos dele curtindo a vida. Ele já agrediu uma agora ex-namorada depois da história com minha mãe. Ele continua fazendo o que fez. Não matou, mas continua batendo.

Quando eu vejo essas notícias, que toda semana praticamente passam na televisão, é como se a gente continuasse sem ter Justiça, porque se existisse Justiça rigorosa, não teríamos tantos casos assim. As situações não iriam se repetir. As leis precisam ser mais rigorosas e a Justiça mais rigorosa ainda...

É muito difícil, até por eu ser filha única, eu tive que resolver tudo sozinha. E até hoje eu tenho que resolver tudo assim. Sempre que eu penso nessa história, passa um filme na minha cabeça. Você tem que ficar revivendo o tempo inteiro, não tem como esquecer essa situação.

É muito triste quando vem chegando as fases comemorativas e você não tem essa presença. É um vazio e não vai ser preenchido por ninguém. Não tem como. O mais triste disso tudo é saber que a minha mãe morreu, que ela não pode mais ter contato com a família dela e ele tá solto, podendo curtir a vida dele, sem nenhuma punição. E eu vou sofrer com isso para o resto da minha vida.

E a gente deixa de confiar, por medo. A gente passa a ter medo dos homens. A gente pode estar se relacionando com uma pessoa há 20 anos e ainda assim não conhecer essa pessoa direito. Hoje é muito mais difícil para mim me relacionar. Já tem uns 3 anos que eu não me envolvo em um relacionamento afetivo.

Sinto muita saudade da minha mãe.

* Depoimento dado a Maria Clara Andrade



Oito mulheres mortas a cada mês

Segundo dados oficiais, desde 2017, 364 mulheres morreram na Bahia vítimas de feminicídio. Maioria das mulheres assassinadas tinha entre 30 a 49 anos

Texto **Maria Clara Andrade**
maria.andrade@radiometropole.com.br

Se pudesse, Gidauto Cerqueira daria tudo para apagar da mente a cena de sua filha de 16 anos estendida em um colchão, sem vida. O pai ainda tentou chamar por Gislane, que já não mais respondia. Lembra-se de sentir o corpo ainda quente, mas a menina havia partido.

Foi morar no céu. Pelo menos, é assim que Gidauto tenta se consolar. Gislane foi uma das vítimas de feminicídio, morta em 2019, pelo ex-namorado, 16 anos mais velho que ela. Até hoje, o pai espera uma resposta da Justiça. O julgamento do acusado, no entanto, está marcado apenas para agosto de 2022 — três anos após o crime.

Antes do assassinato, Gidauto lutou por anos contra aquele relacionamento. Lembra-se que logo no início do namoro, o acusado havia tirado a menina da escola e fugido com ela para uma cidade no

interior da Bahia. Foram dias de desespero para o pai e a mãe.

O relacionamento continuou, mesmo à revelia dos pais de Gislane. Foram três anos de namoro até que a menina decidiu terminar. Vinte dias depois, veio o assassinato. O assassino de Gislane está solto, estava foragido pelo feminicídio da garota quando foi pego furtando um ônibus. Ele foi solto recentemente e aguarda o julgamento pela morte da jovem em liberdade.

“O tempo vai passando e a vida segue. Você tem que viver, até para buscar justiça. Mas é uma ferida que não cicatriza”, desabafa o pai.

EM NÚMEROS

Na Bahia, os números do feminicídio assustam. O estado ocupa o terceiro lugar no Brasil em quantidade de assassinatos de mulheres. A Secretaria de Segurança

Pública do Estado da Bahia (SSP-BA) divulgou um relatório com dados do feminicídio de 2017 até o ano passado. Nesse período, foram 364 feminicídios registrados, gerando a média de oito mulheres assassinadas a cada mês nos últimos quatro anos. No primeiro ano do levantamento foram 74 vítimas. Em 2020, esse número saltou para 113.

Além da crescente, o relatório ainda traz informações sobre a faixa etária dessas mulheres, as circunstâncias em que ocorreram os crimes e os perfis dos assassinos. A grande maioria dos casos (92,5%) foi cometido pelo companheiro, ex-companheiro ou namorado da vítima; a maioria das mulheres morreram dentro da própria casa (76,4%) e mais da metade (52%) tinha entre 30 e 49 anos.

Nota-se ainda que, acima dos 50, esse número passa a cair consideravelmente. As mulheres adultas são as mais atingidas pelo ato mais extremo do machismo.

Projeto acolhe mulheres vítimas de violências

Constantemente o feminicídio surge em decorrência de um relacionamento violento. E essa violência nem sempre será física e nem explícita.

Naiaringred Helena Ribas trabalha como advogada na cidade de Cruz das Almas e já costumava atender gratuitamente mulheres vítimas de violência de gênero. Na pandemia, viu essa procura crescer de forma que não conseguia mais lidar com tantos casos sozinha. Daí, Ribas decidiu que era hora de expandir as atividades e criar um projeto voltado apenas para isso, surgiu o ‘Por Todas Nós’.

A advogada revela que, por vezes, mulheres buscam o projeto querendo desabafar e só após conversarem é que descobrem que estão sendo vítimas de violência. Além da agressão física, existe a violência psicológica, patrimonial, sexual e moral. Quando uma mulher recebe seu salário e entrega diretamente para o marido, sem saber o destino, isso pode ser configurado como violência patrimonial, exemplifica a advogada.

Hoje, o Por Todas Nós já está em sete cidades da Bahia e três outras capitais, além de Salvador. Mulheres vítimas de violência

doméstica podem pedir ajuda através do Instagram do projeto (@projeto_portodasnos) ou pelo WhatsApp.

“Fazemos uma triagem, verificamos se ela de fato é vítima de violência doméstica e de baixa renda. Com essas informações, caso a vítima não tenha processo ainda, nós a acompanhamos na delegacia, caso já exista processo, nós entramos como assistente de acusação”, explica Ribas.

Além das advogadas, psicólogas voluntárias também compõem o projeto, oferecendo acompanhamento psicológico gratuito.



Moura Dubeux vendendo sem registro

O novo empreendimento da Moura Dubeux em Salvador, o Beach Class Rio Vermelho, é alvo de um pedido de investigação feito pela Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário da Bahia (Ademi). Segundo informações obtidas pela coluna, a entidade acionou a Delegacia da Defesa do Consumidor (Decon) para apurar supostas irregularidades cometidas pela construtora. A principal seria negociar propriedades imobiliárias antes de ter o registro de incorporação (RI) do empreendimento. Por esse motivo, a empresa Moura Dubeux foi expulsa da associação do mercado imobiliário na Bahia no último ano. Procurada, a Moura Dubeux diz que trabalha com o mais alto índice de governança e que todos os seus empreendimentos são comercializados dentro da legalidade.



Vergonha em terras lusas

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, passou por um constrangimento e tanto durante uma palestra em Portugal. Convidado a falar sobre as ações do Brasil no enfrentamento da Covid-19, o ministro se apresentaria em um espaço aberto ao público na Universidade de Lisboa. Diante de protestos de um grupo de brasileiros ao redor do espaço, o evento precisou ser transferido para o ambiente virtual. A mudança, porém, não surtiu efeito. O chat do YouTube que transmitia a apresentação foi inundado de comentários contrários à presença do orador. “A maior vergonha é dar um espaço para o ministro da morte. Vocês são coniventes com mais de 600.000 mortes”, escreveu uma internauta. Na semana passada, Queiroga foi incluído na lista de investigados da CPI da Covid sob suspeita de crimes na condução da pandemia.



MDB oscilando entre Neto e PT

O MDB baiano está longe de cravar por qual caminho seguirá diante do dilema que vive. Permanecerá na base do prefeito Bruno Reis (DEM), com o conseqüente apoio à futura candidatura de ACM Neto? Ou voltará a integrar o núcleo de sustentação política de Rui Costa? Questionados sobre o impasse, interlocutores emedebistas dizem que, a um ano das eleições, ainda é cedo para demarcar uma posição. À coluna, o presidente da Câmara de Vereadores, Geraldo Jr, repete o discurso que seu desejo é ver o partido no grupo liderado por Neto. Em meio à indefinição, o senador Jaques Wagner (PT) continuará em seu intento a fim de atrair o antigo aliado.

Lauro de Freitas na mira do MPF

O Ministério Público Federal instaurou um inquérito civil para investigar um projeto da prefeitura de Lauro de Freitas que prevê a construção de um novo bairro na cidade. O caso envolve possíveis prejuízos ao quilombo Quingoma, onde mais de 50 famílias poderão ser desapropriadas. Segundo a comunidade, o megaempreendimento é voltado à especulação imobiliária e provocará devastação de Mata Atlântica, além de aterramento de rios e nascentes. À coluna, a gestão Moema Gramacho (PT) informou que, por ora, não existe nenhum título de posse que assegure aos quilombolas a área reivindicada. Também diz que o projeto, denominado “Bairro Novo”, ainda está em análise. Se forem adiante, as intervenções avançarão sobre uma área superior a um milhão de metros quadrados —o equivalente a quase 10 campos da Arena Fonte Nova.



O grande calo de Bruno Reis

O prefeito Bruno Reis (DEM) voltou a demonstrar preocupação com o que continua a ser, fora a pandemia, o principal problema da sua gestão: a crise no transporte público. Para o chefe do Executivo soteropolitano, caso o presidente Jair Bolsonaro não se mova para intervir contra a crescente alta no preço dos combustíveis, especialmente o diesel, o Brasil certamente verá se repetir manifestações como as desencadeadas em junho de 2013. “[Bolsonaro] vai ter que enfrentar os problemas reais do Brasil, a exemplo do subsídio do transporte público. Eu estou avisando a vocês que ano que vem pode ocorrer aquela cena de 2013, lembram?”, questionou Reis em uma coletiva de imprensa.



É o começo do fim, mas o pesadelo não acabou

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

Após 20 meses vivendo sob um pesadelo, começamos a experimentar perspectivas de normalidade. Os números do Brasil e do mundo já apontam o reacender das luzes no fim do túnel, a retomada da vida nas ruas e no trabalho, para quem não perdeu o seu durante a pandemia, esse substantivo que nos era absolutamente abstrato até março do ano passado e se transformou em um precipício. O vírus devastou famílias, empregos, países, como o Brasil, onde, hoje, numa roda de conversa com 10 pessoas dificilmente haverá uma que não tenha perdido para o vírus um ente querido.

A retomada das festas, dos shows, dos teatros, a reabertura salas de cinema, a proximidade do verão, a vontade de viver algo parecido ao que vivíamos antes de tudo isso começar estimulam a gente a acreditar que já chegamos à outra margem segura do rio. Na prática, não é exatamente assim. A morte do maestro Letieres Leite, nessa quarta-feira, foi um choque para a cultura e a música. Por se tratar de Letieres, uma unanimidade. Um artista encantador, gentil, talentoso, generoso, comprometido com o universo e o contexto musical da Bahia no sentido mais abrangente de compromisso. Um criador de música e um formador de talentos para alimentá-la, um virtuose que ia dos trios elétricos nas ruas às partituras traduzidas para meninos e meninas salvos da crueldade

do mundo pela beleza de aprender a tocar um instrumento.

O choque causado pela morte de Letieres em grande parte dos baianos e em todo o mundo da música brasileira foi duplo. Por se tratar dele, um homem e um músico do seu tamanho, com a sua grandeza pessoal e artística. Mas também por sabermos tê-lo perdido para o vírus que assombra o mundo desde março do ano passado. Por sabermos tê-lo perdido a essa altura do tempo, quando já começamos a nos sentir a salvo da COVID. Aos 61 anos, o maestro já havia tomado as duas doses da vacina e estava prestes a receber a terceira. Asmático, portanto grupo de risco, Letieres contraiu o vírus e não resistiu. Morreu em casa, de Covid.

ROLETA-RUSSA

Por termos passado meses a fio sabendo da morte diária de milhares de pessoas, tornou-se natural achar que o pesadelo acabou porque a média de mortes está em torno de 330 brasileiros por dia. Para quem perde um parente, um amigo, não existem frases com ênfase no “apenas”, sejam 330, 100 ou 10, quando chegarmos a isso. Quando a perda é nossa, só existe o absoluto. Nesse sentido, a morte de Letieres foi como uma explosão na cidade, a nos avisar que os riscos ainda estão por aí,

a nos rondar e ameaçar, apesar da vacina. E como muitos de nós já sabemos, há algo de roleta-russa no contágio do vírus: nunca se sabe como cada um, independentemente de fatores de risco e comorbidades inexistentes, atravessará a doença e suas manifestações.

O fato de o maestro ter morrido em casa não deixa de ser um sinal do quanto a Covid é traiçoeira. Sendo o homem inteligente que era, Letieres provavelmente teria ido para um hospital se os sinais de agravamento tivessem avançado progressivamente. Algo de surpreendente parece ter ocorrido. E diante de campanhas antivacina circulando por aí, nesse instante deve haver, inclusive, teorias contra a imunização, usando a morte do maestro como argumento para inverter a lógica, negando a eficácia da vacina ou até mesmo apontando-a como causa.

A morte do maestro Letieres Leite foi um choque para a cultura e a música. Por se tratar de Letieres, uma unanimidade





Letieres Leite

☆ 08.12.1959
✝ 27.10.2021

Atabaques em silêncio

Maestro Letieres Leite morre aos 61 anos e deixa extensa lista de admiradores órfãos do seu talento e criatividade

Texto Adele Robichez

adele.robichez@radiometropole.com.br

Sem que nenhum admirador do seu excepcional talento estivesse preparado, o grande gênio da música brasileira, o baiano Letieres Leite, saiu de cena na última quarta-feira, aos 61 anos.

O fundador da famosa Orkestra Rumpilezz contraiu Covid-19 e, portador de uma asma severa, veio a óbito em casa. Nascido em Salvador e batizado apenas com os sobrenomes do pai, o maestro ingressou na faculdade de Artes Plásticas, em 1977, e cursou disciplinas de Música na Universidade Federal da Bahia (Ufba).

Iniciou a profissão na capital baiana, com artistas locais. Depois, passou pelo sul do país e seguiu para a Áustria, onde ingressou no Franz Schubert Konservatorium, em Viena. Reconhecido mundialmente, foi um dos maiores responsáveis pela disseminação da percussão baiana pelo mundo.

Retornou à sua terra natal em 1994, quando estabeleceu a Academia de Música da Bahia (AMBAH). Ali seria responsável por formar diversos músicos e contribuir com outros tantos artistas consagrados, como Elba Ramalho, Lulu Santos, Timbalada, Daniela Mercury, Caetano Veloso, Gil e Ivete Sangalo.

Conhecido pela sua inventividade e singularidade, Letieres se destacou com a criação do projeto Rumpilezz, estreado no Teatro Gamboa em 2005, onde promoveu o encontro de músicos da cena instrumental baiana com percussionistas de atabaques, os Alabés.

Posteriormente, em 2006, nasceu a Orkestra Rumpilezz: um grupo de percussão e sopros, intitulada com base na mistura dos nomes de três atabaques usados no candomblé (rum, rumpi e lê) e a palavra "jazz". Inspirado no Ilê Aiyê

e Olodum, o grupo tem como alicerce a música ancestral baiana, com percussão de matriz africana, com o toque moderno da influência do jazz.

LAMENTOS

"Quem é de axé bem sabe que a morte não é o fim", diz a nota de pesar publicada pelo Instituto Rumpilezz. A mensagem reforça a conexão do maestro com a Bahia e, apesar de lamentar a partida do mestre, celebra o legado deixado por ele.

"Letieres nasceu num dia 8 de dezembro, dia da Conceição da Praia, e talvez por isso tenha mergulhado como poucos nas nossas raízes. Compreendeu a fundo o Universo Percussivo Baiano, fez dele uma escola e o levou para o mundo, sem nunca tirar os pés de casa. Sem nunca tirar os pés do terreiro. Acompanhado por Xangô, fez ecoar a música preta da Bahia e nos deixa um legado, felizmente, transmitido em vida. E que continuará vivo, como a arte de Letieres Leite", diz.

A Escola de Música da Ufba também se compadeceu pela morte de Letieres, que, além de ex-aluno, chegou a ser professor da instituição. Entre 1988 e 1999, o músico lecionou no curso de extensão em saxofone na faculdade. "É com extremo pesar que recebemos a notícia do falecimento do nosso querido colega, o maestro Letieres Leite. [...] Aos familiares e amigos, a Escola de Música ratifica os mais profundos sentimentos de pesar pela inestimável perda".

Políticos lamentaram a perda da renomada figura baiana. O governador da Bahia, Rui Costa (PT), classificou a morte do maestro como uma "enorme perda para a cultura da Bahia".

Já o prefeito de Salvador, Bruno Reis (DEM), afirmou que a história deixada por Letieres é memorável. "Jamais serão esquecidos da nossa memória", disse.



IVETE SANGALO

"Não esquecerei jamais as inúmeras contribuições à música e à minha carreira, pois o seu talento é poderoso demais"



CAETANO VELOSO

"A música baiana, a música brasileira, a música perdeu hoje um dos seus maiores formadores. A vida perdeu um dos seus mais dignos representantes"



CARLINHOS BROWN

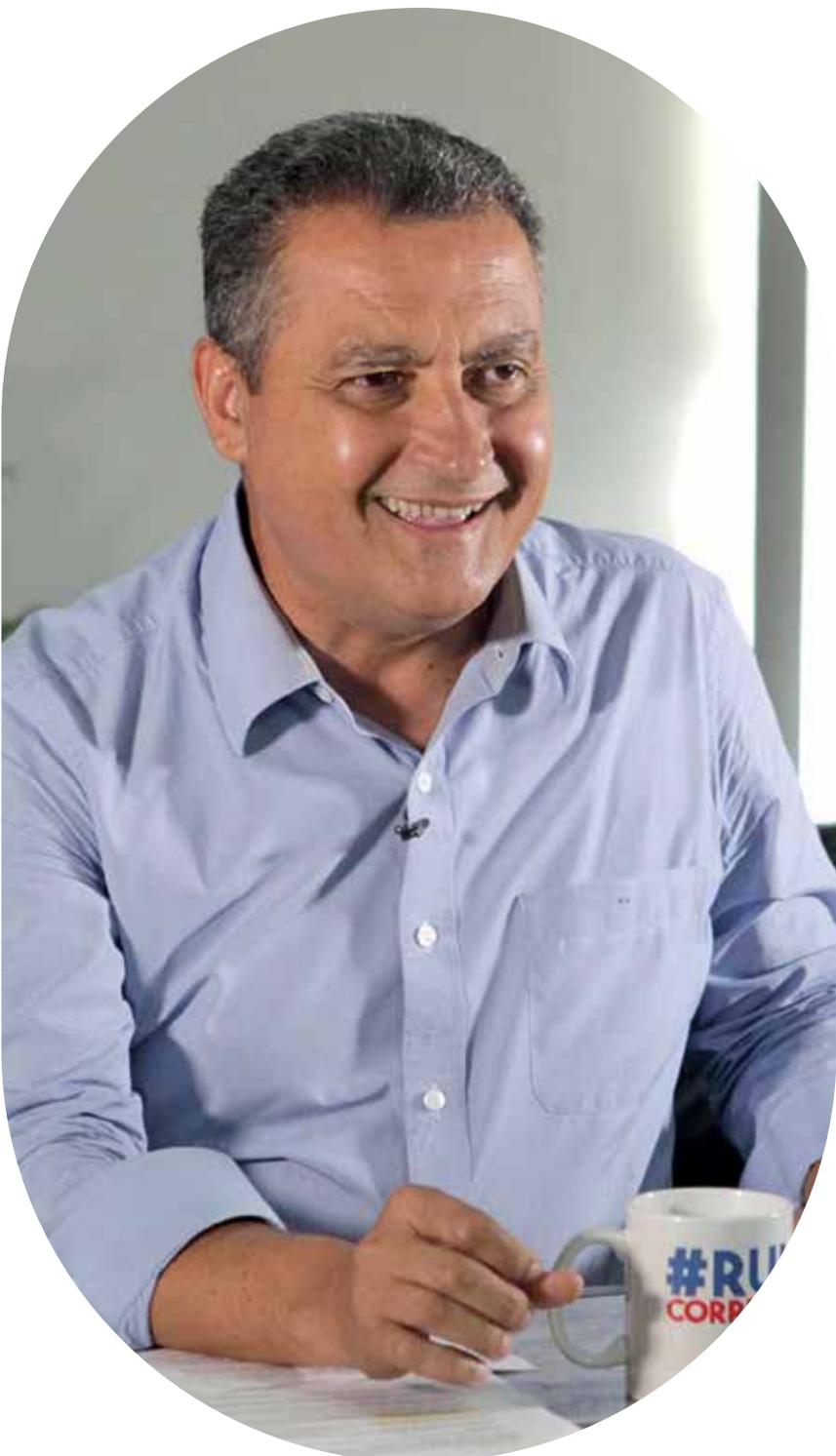
"Letieres é do sopro, e o vento de Oyá saberá como conduzir esse filho de Xangô, tão talentoso, bom amigo, e que estava em um momento brilhante de sua carreira"



DANIELA MERCURY

"É muito difícil falar de alguém que a gente quer bem e admira. Que trouxe tanta beleza e novidade. Hoje é dia de chorar a partida de Letieres Leite e agradecer pelo seu legado"





camilla souza/gonba

ENTREVISTA

Rui Costa

GOVERNADOR DA BAHIA (PT)

O governador da Bahia, Rui Costa, disse que o governo Jair Bolsonaro (sem partido) comprometeu a imagem do Brasil no exterior. A frase foi dita durante entrevista a Mário Kertész, na Rádio Metropole.

O gestor baiano cumpre agenda no exterior, com viagens na República Tcheca, Cazaquistão e Emirados Árabes — onde participa de uma reunião com representantes do Fundo Árabe Mubadala, que adquiriu a Refinaria Landulpho Alves, após venda da Petrobras. Rui disse que sua percepção é que o Brasil está desmoralizado.

“É algo constrangedor. Nossa imagem está muito comprometida aqui por várias ações do governo federal. Conversei com um representante comercial de uma empresa e perguntei a ele se a imagem do Brasil estava mesmo no chão. E ele me disse: ‘no chão não, governador. Tá no subsolo mesmo’. É isso que temos que aguentar agora, mas tenho consciência que podemos recuperar porque o Brasil é um país de muito potencial”, disse.

SAIR DA CRISE

Rui Costa falou ainda dos investimentos que tem buscado no exterior para criar novos laços econômicos para a Bahia. “Estamos ajudando a sensibilizar outros investimentos no nosso estado. Fazendo ligações com empresários do Oeste da Bahia, na soja, algodão, milho. Eles importam muita coisa nossa. Queremos também aprofundar a exportação de caprinos e ovinos baianos. Além dos investimentos na produção da chamada energia verde, aquela fora da produção do carbono, que hoje o mundo valoriza muito”, disse.

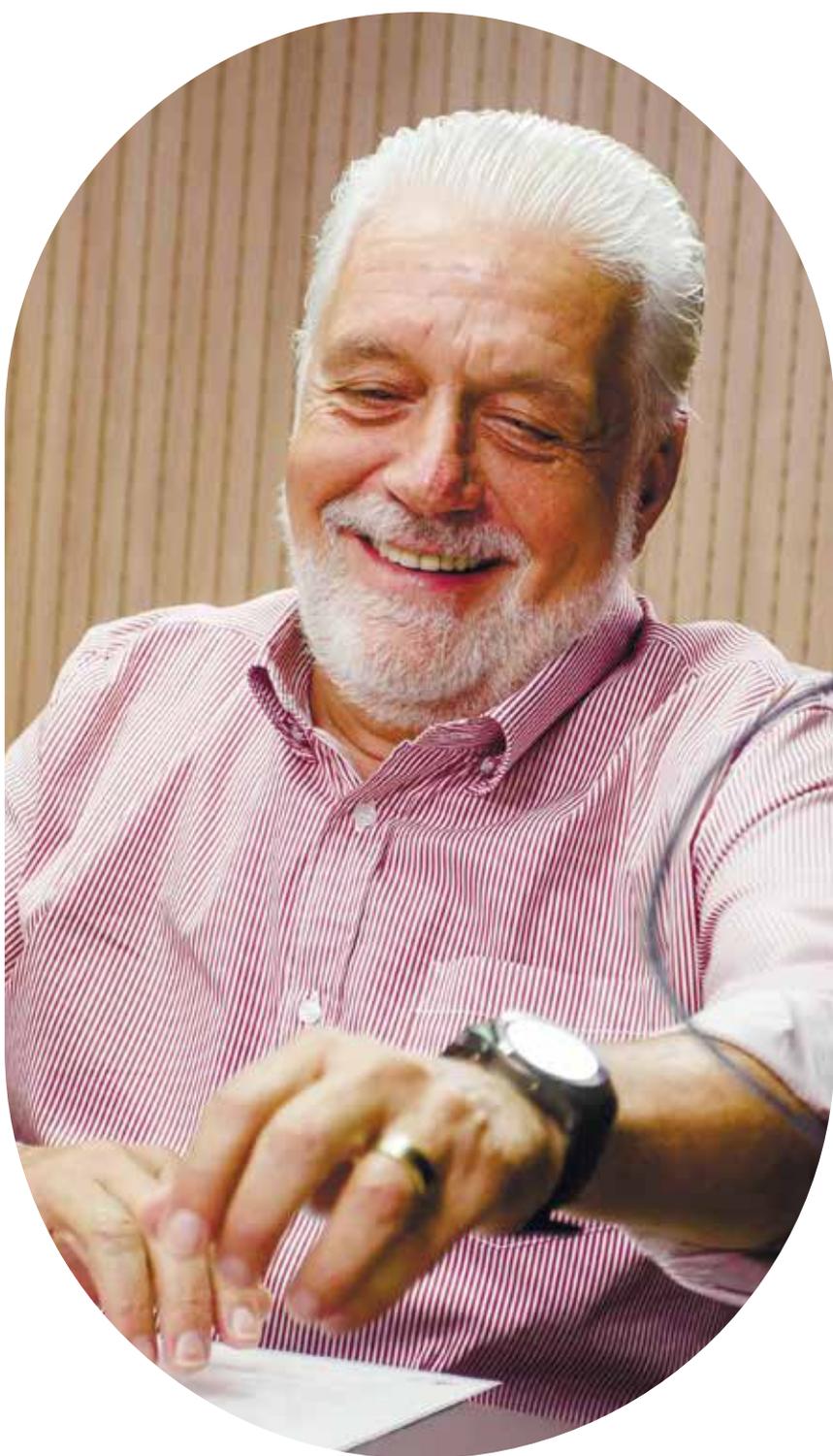
Embora a crise econômica seja grave, Rui Costa afirmou que acredita numa superação, principalmente a partir de um novo modelo político. “O Brasil é muito maior do que as pessoas que conduzem nosso país. O Brasil é muito maior que essa elite escravocrata de pensamento desumano. Essa gente vai ser superada. Nosso povo quer que a economia cresça, quer renda. E vamos conseguir isso sim com um novo projeto”, pontuou.

Perguntei a um representante comercial se a imagem do Brasil estava no chão. E ele me disse: ‘no chão não. Tá no subsolo’.

ENTREVISTA

Jaques Wagner

SENADOR DA BAHIA (PT)



tacio moreira/metropress

Ex-governador da Bahia e atual senador pelo PT, Jaques Wagner disse que estará no palanque de qualquer candidato contra Jair Bolsonaro (sem partido) em um eventual segundo turno, em 2022.

“Meu candidato é Lula. É quem acredito enquanto político e como ser humano. Mas, se por alguma surpresa, Lula não estiver no segundo turno, estarei em qualquer palanque contra esse senhor que hoje ocupa a Presidência. Nem precisa me convidar. Estarei lá”, disse o petista, em entrevista a Mário Kertész, na Rádio Metropole.

Wagner também fez duras críticas à Lava-Jato, que, segundo ele, ajudou a criminalizar o PT e a política brasileira.

“Eles atacaram tanto o PT e acharam que isso ia fazer com que o outro lado que sempre polarizou com a gente, ou seja o PSDB e seus aliados, venceriam as eleições. Mas quem ganhou foi o genérico. Foi o maluco de marca. Esse senhor não sabe para onde vai. Não conhece nada. É raso, raso. Agora estão desesperados e falando em terceira, quarta, sexta via. Quem quer ter projeto para o Brasil, se apresente. Mostre sua alternativa”, disse.

DOMESTICADO

Wagner também comentou sobre o Congresso Nacional e disse que o mesmo foi “domesticado” pelo orçamento paralelo de Bolsonaro. “É uma farrá de distribuição de emenda. No Senado, ainda é um pouco mais controlado, porque tem muito ex-governadores, mas na Câmara, claro que tem muitas exceções, é uma corrida do ouro para a disputa dessas emendas. Isso tira o poder de independência do Congresso e sua força de fiscalizar o presidente”, disse.

Segundo Wagner, nas prefeituras também existe essa co-optação. “Os prefeitos, coitados, tão lá precisando de dinheiro e quando chegam as emendas eles concordam. Mas eu sempre digo a eles que, a mesma mão que traz a emenda, é a que mete a faca no seu povo”, afirmou.

ENTREVISTAS



METROPOLE

**Juntos. É assim
que estamos
vencendo o maior
desafio de
nossa história.**

28 de outubro, dia de agradecer a todos os servidores públicos da Bahia.

Hoje a gente olha pra trás e tem a certeza de que o pior já passou. Com a sua luta, o seu trabalho e a sua dedicação, estamos vencendo a pandemia. Na linha de frente ou no home office, aprendemos a cuidar cada vez melhor dos baianos. Mostramos nossa força, nosso compromisso e nossa solidariedade. Agora, aos poucos, tudo está voltando ao normal. E isso é uma conquista e tanto. Por isso, hoje é dia de celebrar nossa parceria e a esperança de um futuro melhor. Graças a você. Obrigado por tudo.

